



Comunicação Comunitária como instrumento de promoção do capital social no projeto de Extensão Inovadora da Vila Residencial¹

Inês Maria Silva MACIEL²
Cristina Rego Monteiro da LUZ³
Adriana da Silva CORDEIRO⁴
Paula Araújo FERREIRA⁵
Ana Clara Siqueira VELOSO⁶
Pedro de FIGUEIREDO⁷

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ
Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo relata a experiência de empoderamento social dos moradores da comunidade da Vila Residencial da UFRJ no uso das tecnologias de informação e comunicação, no âmbito das atividades do projeto de Extensão Inovadora do CNPq “Inclusão Digital e Social no Projeto de Comunicação Comunitária da Vila Residencial”. Trata-se de uma pesquisa empírica interdisciplinar, por romper com a lógica da fragmentação acadêmica seja na pesquisa, no ensino e na extensão. Assim, o projeto possibilita o enriquecimento da visão crítica dos bolsistas e promove um modelo de construção de propostas coletivas e geração de alternativas de inclusão social e digital em torno da comunicação comunitária, promovendo uma maior mobilização e compreensão de seus direitos e deveres entre os jovens e adultos da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; mídias digitais; jornalismo; comunidade; empoderamento.

¹ Trabalho apresentado no XI encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, DT7_ Grupo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife – PE, INTERCOM, 2 a 6 de setembro de 2011.

² Professora do Curso de Design do Centro Universitário UNICARIOCA e pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura e Sustentabilidade - PUC-Rio, email: ines@inesmaciel.pro.br

³ Professora do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: crmluz@globo.com

⁴ Bolsista de Extensão Inovadora CNPq e graduanda de Design da UNICARIOCA, email: adrianasilva2000@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Extensão Inovadora CNPq e graduanda de Comunicação Social da ECO/UFRJ, email: paula.araujoferreira@bol.com.br

⁶ Bolsista PIBEX/UFRJ e graduanda de Comunicação Social da ECO/UFRJ, email: kklaraveloso@hotmail.com

⁷ Bolsista PIBEX/UFRJ e graduando de Comunicação Social da ECO/UFRJ, email: pedfigueiredo@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Ao pensar numa proposta para trazer ferramentas digitais para uma comunicação autônoma aos moradores da Vila Residencial da UFRJ, uma comunidade situada em um dos extremos da Ilha do Fundão – Cidade Universitária - RJ, em área de aterro remanescente da Ilha de Sapucaia, com ocupação oriunda dos canteiros de obra da ECEX⁸ nos anos 1970, a primeira pergunta que surgiu foi: como?

Inicialmente abrigado pelo Programa de Inclusão Social da Vila Residencial, onde já atuavam, desde 2004, a Faculdade de Enfermagem e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, duas professoras da Escola de Comunicação da UFRJ, Inês Maciel (designer e Doutora em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ, professora da UNICARIOCA e autora da ideia) e Cristina Rego Monteiro da Luz (jornalista, Doutora em Comunicação e Cultura e atualmente Coordenadora da CPM – Central de Produção Multimídia ECO/UFRJ) propuseram a formulação de um projeto de extensão que desse aos moradores locais instrumentos para a prática da comunicação comunitária utilizando a linguagem digital. O projeto de extensão, aprovado desde 2009, objetivava a estruturação de uma redação comunitária, mas esbarrou na falta de qualificação da comunidade. Especialistas em mídia digital e em jornalismo, as professoras responsáveis pelo projeto delinearam as diretrizes para a estruturação dos recursos humanos necessários (bolsistas) para a qualificação da comunidade, em proposta apresentada ao CNPq. Este trabalho descreve a pesquisa empírica realizada ao longo da execução do projeto de extensão inovadora do CNPq, “Inclusão Digital e Social no Projeto de Comunicação Comunitária da Vila Residencial”, e o processo de desenvolvimento de uma didática capaz de dar à comunidade instrumentos da prática da comunicação comunitária na linguagem digital.

CONCEITOS ENVOLVIDOS

Antes do descritivo do programa de ação do projeto e dos seus resultados iniciais, vamos à contextualização de algumas referências determinantes para o norteamento da pesquisa. Com este intuito, estabeleceremos um arcabouço teórico em

⁸ ECEX - Empresa de Construção e Exploração da Ponte Presidente Costa e Silva S.A _ nome dado ao consórcio firmado para construção da ponte, transformado em empresa pública em abril de 1971, e responsável pela coordenação das firmas encarregadas do projeto e construção da Ponte Presidente Costa e Silva (ponte Rio-Niterói). (FREIRE, L.L. 2010, p.p.106)



torno da definição de comunicação comunitária e realizaremos um breve resgate da gênese dos vínculos conceituais a partir do termo comunidade e seus desdobramentos.

A palavra “comunidade” é atualmente utilizada e entendida de forma diversa e difusa, assumindo interpretações variadas, tanto nas esferas acadêmicas quanto no discurso político. Para o historiador Eric Hobsbawm, “a palavra ‘comunidade’ nunca foi utilizada de forma mais indiscriminada e vazia, justo no momento onde as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real” (Hobsbawm *apud* BAUMAN, 1999, p. 20).

Entre as muitas definições existentes, adotaremos o conceito defendido por Palácios (1990) que entende a comunidade não como um lugar no mapa, mas como uma forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum de um grupo de pessoas. Para o autor a comunidade possui uma identidade coletiva, independente de sua dispersão ou proximidade geográfica.

Nesse sentido, a comunidade é procurada como um “círculo aconchegante” de segurança e pertence. Para Bauman (2003), embora imaginada e desejada, a comunidade local, no seu sentido natural e intuitivo, não existe mais. Em vez disso, formamos comunidades de entendimento ou interesse, as chamadas “comunidades cabides”, que vestimos ou não dependendo do interesse momentâneo.

O autor relata que ao procurar a pertence nessas várias “identidades comunitárias”, com intenções, crenças e recursos, afetamos o grau de coesão dos participantes e as pessoas acabam por fragmentar ainda mais os vínculos, criando cada vez mais fronteiras.

Por outro lado, Villacorta & Rodrigues (2002) consideram que este espaço social, apesar de ser mais complexo que a família, ainda é relativamente homogêneo, já que nele primam as relações estabelecidas pela proximidade física e pelo fato de que as pessoas compartilham, em geral, uma situação similar no que se refere ao acesso a recursos e serviços, como a moradia, o emprego, a água, o saneamento, a educação, a saúde, entre outros.

Dentro deste sentido para o termo, temos a comunicação comunitária ou a chamada comunicação popular. De acordo com Peruzzo (2006), a comunicação popular é um processo de comunicação que emerge dos grupos populares. Ela pode ser denominada também de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do tipo de prática em questão.



No entanto, para o autor, o termo comunitário tem sido empregado de forma difusa, identificando processos comunicacionais distintos, passando pelas formas de comunicação populares e indo até as experiências no âmbito da mídia comercial de grande porte. Esse processo talvez seja o reflexo da banalização do termo 'comunidade', explicitado anteriormente.

Segundo o autor, a comunicação comunitária é baseada em princípios públicos que propiciem a participação coletiva, a propriedade e a construção coletiva, a difusão voltada para fins educacionais, sociais e de resgate da cidadania. Essa construção pode englobar meios tecnológicos que propiciem ao grupo o protagonismo na gestão e na emissão de conteúdos próximos à realidade da comunidade. Alguns processos de comunicação comunitária têm investido no empoderamento destes grupos nas TIC's, visando oferecer uma maior visibilidade destas comunidades, de seus anseios e projetos.

Inserido neste contexto, o jornalismo digital, aspecto da comunicação em construção tanto da parte do programador, quanto do usuário navegador, está, por si, cercado de desafios, circunstância inerente à eclosão de novas configurações tecnológicas e culturais da contemporaneidade. As instâncias que cercam o jornalismo digital são como icebergs em deslocamento: as pontas visíveis são apenas pequenas partes do que já pode ser identificado. Vão de mudanças ainda inexploradas do ponto de vista didático à ampla perspectiva de alcance das informações em suas múltiplas abordagens e profundidades. Das ferramentas utilizadas no processo de produção da notícia à regressão das garantias legais para o exercício da profissão de jornalista. Sem esquecer a análise a respeito de novos paradigmas, pseudo globais, que configurariam metas comuns a todos os habitantes do planeta, o que certamente é bastante discutível. (MASSEY, 2008).

Questionam-se as noções de público e privado, de hierarquia e propriedade. É ininterrupta a evolução de ferramentas digitais. A realidade trans e multidisciplinar coexiste com reservas de mercado, e com propositalmente pouco definidas fronteiras econômicas desterritorializadas. (BAUMAN, 1999)

O ambiente digital agudiza questões que não são novas, e exigem reflexão e pesquisas abertas e consistentes, em função da aceleração das emergências nascidas do confronto entre o fluxo exponencial de possibilidades digitais e os limites biológicos humanos, como de acesso econômico e social, tudo em meio a um ambiente de consumo globalizado, em aceleração, proporcionado pela internet. O espaço aberto pela



emergência de novas estruturas de comunicação utilizando tecnologias de conexão em rede permitem possibilidades ainda inexploradas para o jornalismo comunitário. A proposta de levar aos moradores de uma região onde há organizações promotoras de ações comunitárias noções de tecnologia digital traz em si a possibilidade de experimentação de modelos emergentes de percepção a partir da prática do olhar jornalístico utilizando-se regras básicas das técnicas profissionais clássicas, cultura digital e uma aproximação com a população local de forma sistêmica, ou seja, de forma a provocar a interação de diferentes sistemas. Mas o que é um sistema? Um sistema, de forma geral, é uma entidade cuja existência e as funções que decorrem desta existência se mantêm como um todo pela interação de suas partes.

O pensamento sistêmico contempla o todo e as partes, assim como as conexões entre as partes, e estuda o todo para compreender as partes. É o oposto ao reducionismo, ou seja, a ideia de que algo é simplesmente a soma de suas partes. Uma série de partes que não estão conectadas não é um sistema, é certamente um monturo. (O'CONNOR, MCDERMOTT, 1998)

Desta forma, o conjunto de ações promovidas pelo Projeto de Extensão da ECO/UFRJ juntamente com a pesquisa aqui apresentada envolvendo professores, bolsistas e moradores da Vila poderá configurar um sistema complexo de produção e troca de conhecimento. Configura-se assim um ambiente enriquecedor para a análise de possibilidades de novos contextos jornalísticos, para o empoderamento da comunidade e para criação de novas articulações representativas de participação social.

Entendendo o conceito de empoderamento como a ampliação do capital social destes grupos, possibilitando uma mudança nas relações de poder existentes, essa mudança nas relações de poder depende da aplicação deste princípio em quatro áreas: acesso à informação, inclusão e participação, prestação de contas e capacidade organizacional local. (ROMANO, 2002, p.p.11)

Com este objetivo, o projeto adotou a metodologia baseada na abordagem pesquisa-ação, uma vez que tais atividades exigiam um envolvimento ativo do pesquisador ao longo de todo o processo, na adequação dos conteúdos de acordo com as dificuldades e as limitações apresentadas. A pesquisa-ação adequava-se ao modelo desejado por caracterizar-se por um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1997, p.p.)



PESQUISA DE CAMPO

A Vila Residencial está situada em um dos extremos da Ilha do Fundão – Cidade Universitária, em área de aterro remanescente da Ilha de Sapucaia. O perfil sócio-econômico da comunidade é marcado pela existência de dois segmentos separados: aqueles que se vinculam como funcionários da UFRJ e os demais. Os primeiros mostram estabilidade financeira e ascensão pessoal pela oportunidade de escolaridade continuada, enquanto os outros possuem situação instável, com menor grau de escolaridade e menor acesso ao conhecimento formal. Um dos principais problemas diagnosticados pelo Programa de Inclusão Social é a falta de capacitação profissional.

O projeto foi formulado pela ECO/UFRJ, com financiamento do CNPq e apoio da Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial (AMAVILA) e tem atuado na qualificação dos moradores da comunidade no uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) com a finalidade do desenvolvimento do capital social dessa comunidade. Com este intuito, estão sendo oferecidas oficinas de Tecnologia da Imagem, Produção Textual e Produção de Conteúdos para Web, no laboratório de informática, na sede da AMAVILA

A escolha da Vila Residencial como objeto deste estudo foi determinada pela necessidade de ampliar as ações de qualificação em tecnologias da informação e comunicação comunitárias, junto à população local de maneira a facilitar o processo de integração e desenvolvimento social local. A atuação da Escola de Comunicação, desde 2009, como parceira do Programa de Inclusão Social – Vila Residencial da UFRJ, com o projeto de Extensão “Internet e Mídia Digital”, teve por objetivo envolver os bolsistas, alunos de graduação da ECO, e jovens secundaristas da comunidade no processo de criação de redação comunitária.

No entanto, a falta de capacitação dos moradores da comunidade impedia uma maior integração entre os bolsistas de extensão e os moradores da comunidade para o desenvolvimento dos conteúdos. O fato motivou as coordenadoras a apresentarem uma proposta de projeto de Extensão Inovadora, junto ao CNPq, em edital publicado no ano de 2010, para atuar em ações de qualificação de jovens e adultos da Vila Residencial nas ferramentas de TIC's e de edição de textos jornalísticos.



Com a aprovação do projeto junto ao CNPq, um grupo de alunos de graduação da ECO/UFRJ e DESIGN/UNICARIOCA foi selecionado para atuar como bolsistas no projeto, dividindo suas atribuições pelas especialidades de qualificação nas áreas de comunicação visual, internet e jornalismo.

A captação dos alunos começou efetivamente no início do mês de abril de 2011. Após a divulgação inicial do curso, feita através da fixação de cartazes informativos em vários pontos da Vila Residencial, os interessados começaram a efetuar suas inscrições na sede da associação de moradores.

O auge da procura pelo curso ocorreu uma semana após a abertura das inscrições. Pôde-se observar que parte da demanda não poderia ser atendida já que ter cursado ou estar cursando o Ensino Médio era pré-requisito para participar das atividades. Em decorrência da considerável procura pelo curso, o prazo de inscrições foi prorrogado e ficou decidido que os futuros interessados poderiam efetuar suas inscrições enquanto o primeiro módulo ainda não estivesse concluído, já que é necessária a finalização da primeira etapa para que se possa cursar a segunda.

A partir da análise das fichas de inscrição foi possível constatar que cerca de 34% dos inscritos estavam na faixa etária de 15 a 25 anos, 26% entre 26 e 35, 24% na de 36 a 50 e 16% de 51 a 70. No entanto, dos 51 inscritos, apenas 20 são assíduos nas aulas. E apesar dos jovens serem a maioria, o que se percebeu foi que a assiduidade maior ocorreu nas faixas etárias superiores.

Outro ponto importante da análise das fichas de inscrição foi a categorização das áreas de interesse daqueles que se inscreveram. Dentre as perguntas presentes no questionário uma fazia menção ao tipo de utilidade que o inscrito desejaria destinar ao conteúdo apreendido. A maioria dos alunos colocou como prioridade o uso do computador para obtenção de conhecimento. A partir destas observações, pudemos traçar um panorama do curso, o que foi de grande relevância para a elaboração da metodologia.

ESTRATÉGIAS DE AULA

As aulas de produção textual e tecnologias da imagem na Vila Residencial da UFRJ exigiram um planejamento bastante elaborado devido às diferenças culturais entre os alunos instrutores e os moradores da comunidade. As aulas foram oferecidas em



quatro horários diferentes e ministradas por quatro alunos-instrutores e pela professora Inês Maciel associados aos monitores da própria Vila Residencial.

Primeiramente, buscou-se o fortalecimento da contextualização do grupo, através de um bate-papo para gerar uma relação de maior confiança entre alunos e instrutores. Nas primeiras aulas, todos os instrutores realizaram dinâmicas de grupo de modo a conhecer melhor o histórico de cada aluno. Era importante traçar o perfil de cada um para saber a bagagem cultural e as visões de mundo que eles possuíam. Todos os bolsistas também se apresentaram e contaram suas histórias para que houvesse um sentimento de confiança e cumplicidade entre ambos os lados.

A baixa assiduidade e a alta rotatividade de alunos em cada turma fizeram com que os instrutores desacelerassem o ritmo das aulas. As unidades de conteúdo que deveriam ser cumpridas em um determinado prazo tiveram suas datas flexibilizadas para que o maior número possível de moradores da Vila que frequentavam o curso pudessem ter um alto grau de aprendizado.

No curso de produção textual, as unidades de conteúdo objetivaram aumentar a sensibilidade sobre o conceito de notícia e introduzir aos alunos técnicas de reportagem que visam uma maior independência para produção de conteúdo dentro da própria Vila e para a própria comunidade. É importante frisar que o foco do curso não era formar jornalistas, mas sim contribuir para a reflexão crítica sobre a mídia tradicional e uma independência na produção de conteúdos dentro da própria Vila Residencial.

Os instrutores tiveram bastante independência no andamento do curso, mas seguiram unidades de conteúdo definidas anteriormente em conjunto com as orientadoras. Estas unidades consistiram em: definir conceitos sobre jornalismo, notícia e lide; entender a questão da proximidade e os valores de cidadania associados ao acesso à informação; compreender a importância da imagem para a descrição de um acontecimento; entender a importância da internet e valores básicos relacionados à informática para o processo de produção da notícia; e, finalmente, produzir conteúdo jornalístico através do treinamento de redação e apuração.

Este aprendizado, no entanto, ocorreu de forma diferenciada em cada uma das três turmas de produção textual. Em uma delas o trabalho caminhou junto com o grupo de Tecnologia de Imagem e, por isso, a questão da imagem ganhou uma importância ainda maior, ressaltando-se também com mais intensidade os aspectos da informática e a coletividade do trabalho. Em outra turma, foi valorizada a discussão em grupo sobre o

papel da mídia e a reflexão sobre a estrutura da notícia. Em uma terceira classe, como só havia uma aluna assídua, o que se observou foi uma leitura mais aprofundada de jornais e uma carga mais prática, já que houve maior facilidade no acompanhamento da aluna.

No curso de Tecnologia da Imagem, o conteúdo tratou das semelhanças e diferenças entre as imagens analógica e digital, bem como as definições e explicações sobre cores, tamanho e tipos de arquivos de imagem digitais. Durante o curso, as turmas entenderam através de atividades práticas a importância da imagem para um ganho de independência tanto em aspectos profissionais como em sua vida pessoal. O mais importante de ressaltar é que os dois cursos caminham juntos, demonstrando a importância de texto e imagem se complementarem.

Os alunos de Tecnologia de Imagem exerceram também diversas atividades práticas. Eles aprenderam a manusear máquinas digitais, modificar formatos e configurações para a produção das fotos. Em uma segunda etapa, eles chegaram a elaborar cartões e retocar suas fotos no que diz respeito a modo de cor, aplicação de efeitos especiais e modificação de formatos.



Figura 1: Cartões feitos pelos alunos da Oficina de Tecnologia de Imagem, como exercício de ilustração digital no software gratuito GIMP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após três meses de realização do projeto, as turmas formadas na Vila Residencial apresentam um significativo progresso em produção textual e tecnologia da



imagem. Com o exercício constante de elaboração de textos jornalísticos, as questões básicas normalmente levantadas pelo leitor, embora não introjetadas e ainda identificadas com dificuldade pelos alunos, já são respondidas no lide das matérias.

O olhar jornalístico até onde já desenvolvido também permite que sejam feitos links entre fatos semelhantes, enriquecendo a compreensão. Em suas reportagens, os alunos propuseram a retomada de acontecimentos antigos, promovendo uma reflexão acerca da repetição de algumas ocorrências, como a das chuvas fortes no Rio de Janeiro em março. Isto estava associado a chuvas recentes que repetem problemas solucionáveis não resolvidos pelo poder público. A combinação de dados e a recorrência dos incidentes permitem também a construção de uma expectativa (e a cobrança) das providências a serem tomadas.

Capturar a atenção do leitor para a reportagem escrita é sempre um aspecto lembrado pelas turmas como fator de extrema importância para motivação da leitura. Esta percepção permite a inserção prática de fatos que estabelecem conexões até então invisíveis entre o que é lido e quem lê.

A partir da compreensão da importância desta vivência comum, os alunos conseguiram ter a percepção de suas realidades como material jornalístico. A confecção de reportagens sobre festas ou outras atividades da Vila, impossíveis no início do curso, são efetuadas atualmente com o distanciamento necessário e uma clara exposição dos fatos.

Para o sucesso deste processo de identificação de temas cotidianos como “assuntos de jornal”, faz-se necessário o entendimento do espaço em que vivem como ambientes retratáveis, cenários que denunciam vitórias e lutas. Neste sentido, as narrativas valorizadas em sala de aula e o trabalho de tratamento das imagens desconstrói a visão de que há informações desimportantes por serem próximas e a noção de lugares mais ou menos dignos de se fotografar. Bem como a valorização das narrativas comunitárias, permitindo a reflexão de que toda imagem pode e deve relatar histórias, acrescentar dados; revelar-se texto.

O ganho de intimidade com o computador os fez descobrir caminhos até então desconhecidos, fontes de informações preciosas na internet. Assim, no decorrer do curso, pretende-se criar um blog da Vila, em que cada um exercite seus conhecimentos jornalísticos na rotina da comunidade. Embora por meios de textos, filmes e exemplos, tenha sido abordada a importância da comunicação para a melhoria de vida desde a



primeira aula, os alunos não se reconhecem ainda como verdadeiros agentes transformadores de sua realidade. Através da página na internet, recorrendo a textos e imagens, será estimulada a visão crítica em meio ao cotidiano turbulento, promovendo uma comunicação comunitária ampla e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto mostrou a validade e a importância das ações interdisciplinares e de transversalidade do conhecimento ao romper com a lógica da fragmentação acadêmica seja na pesquisa, no ensino e na extensão. A inserção da flexibilidade nas abordagens e no ritmo do projeto possibilitou o enriquecimento da visão crítica dos bolsistas sobre a realidade da comunidade e mostra-se capaz de promover um modelo de construção de propostas coletivas em torno da geração de alternativas de inclusão social e digital, estimulando uma maior mobilização e compreensão de direitos e deveres sociais, e despertando vocações profissionais entre os jovens da comunidade.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. Câmara Clara. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- FREIRE, L.L. *Próximo do saber, longe do progresso: história e morfologia social de um assentamento urbano no campus universitário da Ilha do Fundão –RJ*. Niterói : UFF, 2010. Tese de Doutorado em Antropologia. [on line], julho, 2011.
http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/tese_leticia.pdf
- LAGE, N. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MARTINHO, C. “Algumas palavras sobre redes”. In SILVEIRA, C. M. e DA COSTA REIS, L. (Orgs). **Desenvolvimento Local, Dinâmicas e Estratégias**. Rede DLIS/RITS, 2001. p. 24-30.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- O’CONNOR, J. & MCDERMOTT, I. Introduction al pensamento sistêmico. Barcelona: Ediciones Urano, 1998.
- PALACIOS, M. Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária. IN Comunicação & Política, v.9, n.11, p. 103-110. abr./jun., 1990. 0102-6925.



PEREIRA, S. B. Processos Tangíveis e Intangíveis do Desenvolvimento Local. *REN*, Fortaleza, v.38, n. 32, abr-jun, 2007, p. 289-305.

PERUZZO, C.M.K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. Trabalho apresentado ao Núcleo Comunicação para a Cidadania, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília –DF, INTERCOM/UnB, de 5 a 9 de setembro de 2006.

VILLACORTA, A.E.& RODRIGUEZ, M. Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento. In: Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro : ActionAidBrazil, 2002.

THIOLLENT, M. Pesquisa-Ação nas Organizações. São Paulo : Atlas, 1997.